

*crédito externo*

# Brasil ainda espera US\$

Fritz Utzeri

**Nova Iorque** — Num breve comunicado, no final da tarde de ontem, o banqueiro William Rhodes, coordenador do Comitê de Assessoria dos Bancos que estão renegociando a dívida externa brasileira, informou que já foram levantados 5 dos 6,5 bilhões de dólares em novos recursos pedidos a um grupo de 830 bancos pelo Brasil, necessários para o fechamento das contas de 1983 e 84.

O total de recursos conseguidos, na véspera da reunião entre Rhodes e o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, hoje em Washington, está abaixo do ponto mínimo da chamada "massa crítica" esperada pelos bancos coordenadores e pelo Brasil. Até ontem, segundo as expectativas, o total deveria ter chegado a algo entre 5,2 e 5,8 bilhões de dólares.

## Regionais ainda hesitam

Até agora, os bancos conseguiram reunir 77% do dinheiro necessário, mas os telex, segundo Rhodes, "continuam funcionando, acrescentando novos bancos aos já comprometidos" e é possível que hoje se ultrapasse a marca dos 5 bilhões 200 milhões de dólares (80%), o que seria considerado "satisfatório" pelo FMI.

Embora o Citibank não tenha divulgado o total de bancos envolvidos até agora no programa brasileiro, fontes bancárias de Nova Iorque estimavam que 270 bancos já haviam aderido ao projeto, o que demonstra que uma boa parte dos bancos regionais dos EUA e vários europeus, com compromissos menores no Brasil, continuam na expectativa.

Em Nova Iorque, especulava-se ontem a respeito de dificuldades nas conversações em Washington entre o Ministro do Planejamento e o FMI e estimava-se que, dificilmente, o total de bancos que acabarão apoiando o atual projeto brasileiro passará dos 400 (menos da metade dos credores). Há duas semanas muitos bancos, principalmente alguns regionais de porte médio, no Sul dos EUA estão defendendo uma nova estratégia para lidar com o problema brasileiro: uma negociação a longo prazo, que abranja quatro ou cinco anos, com uma redução substancial da taxa de juros para permitir que o Brasil possa reativar a sua economia.

O assunto foi tratado ontem pelo **New York Times** que informou, citando banqueiros não identificados, que "passos no sentido de corrigir esse problema (altas taxas de juros) deverão ser dados antes que o Brasil volte para pedir mais dinheiro, o que deverá ocorrer dentro de seis a oito meses".

Outro banqueiro disse ao jornal que a chamada fase 2 é apenas uma solução transitória, e ele não vê qualquer possibilidade de sucesso brasileiro no caso de ser necessária uma fase 3, para conseguir mais dinheiro para 84 e 85.

## Solução "band aid" criticada

Segundo Oakley Chaney, vice-presidente do Southeast First Bank, de Miami, que tem 126 milhões de dólares aplicados no Brasil, "até que as exportações brasileiras cresçam mais rapidamente do que o custo de seus empréstimos, o país não vai ter uma captação adequada de divisas para pagar o serviço de sua dívida". Muitos banqueiros acham que não se pode continuar mais com a chamada "solução **band aid**" para uma ferida do tamanho da dívida brasileira.

Para o ano que vem, espera-se que entre 60% e 70% dos 9 bilhões do superávit esperado da balança comercial serão usados para pagar o serviço da dívida, que deverá ficar entre 11 e 12 bilhões de dólares. Uma boa parte dos novos recursos que o Brasil deverá receber com o empréstimo de 6,5 bilhões de dólares será utilizado para pagar mais de 3 bilhões de dólares em atrasados a bancos e fornecedores, que se têm acumulado desde maio, quando o FMI achou que o Brasil não estava cumprindo o seu programa econômico e suspendeu o desembolso de recursos (sendo seguido pelos bancos).

## Comitê não se pronuncia

O movimento de redução da taxa de juros indica uma mudança de posição dos bancos. No ano passado, com o aumento das dificuldades brasileiras, muitos bancos defenderam juros mais altos para compensar o risco de aplicar no Brasil. Segundo o **Times**, no que pode ser considerado como uma "grande concessão", os bancos do comitê de coordenação e de assessoria decidiram reduzir os juros sobre o empréstimo de 6,5 bilhões em 1/8% em relação aos juros cobrados no "jumbo" de 4,4 bilhões, acertado em fevereiro. Apesar disso, essa redução não é considerada suficiente pelos bancos regionais.

Mas esse tipo de decisão é algo que escapa à alçada até de executivos poderosos como William Rhodes. Para possibilitar isso, seria preciso a concordância dos presidentes dos conselhos dos bancos. Até o final da tarde de ontem, o comitê de assessoria não tinha se pronunciado sobre a questão.

800 milhões dos bancos

Brasil/A. Dordivan

FINANÇAS

terça-feira, 15/11/83 □ 1º caderno □ 13